



CONVENTO DE JESUS, EM SETUBAL.

PORTUGAL.  
VII.  
SETUBAL.  
2.º

ONDE o Sado, que desce do Alemtejo, alarga a sua foz para misturar as aguas com as do oceano, estende-se pela margem esquerda, quasi em meia-lua, a commercial villa de Setubal, que por muitos respeitos bem devêra lograr o titulo de cidade. Para esta graduação

ABRIL 9 — 1842.

lhe davam jus o numero dos habitantes, a copia de víveres, a actividade do negocio, a amenidade dos contornos, a situação e capacidade do porto, e o expediente da sua alfandega que é das principaes do reino depois das duas de Lisboa e Porto. Um escriptor do primeiro quartel do seculo presente assegura que por ella se exportam em annos regulares 20:000 pipas de muito bons vinhos pela maior parte brancos; a fructa de espinho, que é de estimação, as-

2.ª SERIE — VOL. I.

cende annualmente ao valor de sessenta a oitenta mil cruzados: porem um dos seus generos mais principaes é o sal das marinhas do Sado, que por ser superior ao de Hespanha, de Sardenha, e de França, é bastante procurado, carregando-se d'elle em alguns annos acima de 400 embarcações estrangeiras, sem contar os muitos barcos nacionaes, que o transportam para outros pontos do reino, assim como cereaes e outros productos da fertil provincia do Alemtejo, que achando um porto de sahida na villa de Alcacer do Sal, sobre o mesmo rio, vem demandar a barra de Setubal para irem abastecer outras povoações. — A importancia da terra, que data de antigos tempos, fez com que os monarchas tratassem de a tornar defensivel: pelo que respeita ás actuaes fortificações já demos noticia, quando mais largamente fallámos desta villa a pag. 81 do vol. 4.º; — parece comtudo que fôra D. Affonso 4.º quem a mandou cercar de muralhas. Porem elrei D. João 1.º foi o que primeiramente intendeu na segurança dos logares maritimos, pela rasão que aponta Severim de Faria [Disc. 2.º §. 12.]; e quando começou de fortificar o porto da capital construindo na margem do sul do Tejo, n'uma das paragens mais estreitas do rio, a torre de Caparica, a que chamam *velha*, com igual designio fez edificar a torre de Outão no porto de Setubal.

Pouco mais podemos adiantar alem do que escrevemos no lugar supra mencionado: ajuntar-lhe-hemos agora algumas circumstancias relativas a dois edificios, que alli meramente indicámos: levantou-os o espirito piedoso dos seculos passados; e posto que um delles, Brancanes, não figure por monumento artistico, é digno de menção pelo picturesque do logar e pela recordação de um dos nossos escriptores asceticos, o V.º P.º Chagas: ao outro, representado na estampa, associa-se um nome illustre, o d'elrei D. Manuel, o venturoso, sendo alem disso digno de memoria, pelas seguintes particularidades. — É este o convento do Bom Jesus, habitado por freiras capuchas, observantes da regra de S.ª Clara: vê-se na gravura a portada com parte do edificio, supprimido comtudo o campanario, situado no prolongamento que se figura ao lado esquerdo do desenho; mas esta omissão necessaria em rasão do espaço da pagina, nada altera o caracter do edificio; e sendo a torre dos sinos fabricada de tijolos não é objecto para mencionar-se. Merece porem especial noticia a pedra, que nesta construcção foi empregada, por isso mesmo que não é commum o uso d'ella, e dá ao corpo da obra uma apparencia de certo matiz, a que os olhos andam pouco affeitos: é

o grés vermelho antigo [*older red conglomerate* dos inglezes], que foi extrahido da serra de S. Philippe, visinha á villa de Setubal: desta pedra nos consta que havia obras no hospital de S. José, desta cõrte.

Na entrada principal ha esculpidos ornatos, tanto nos frontões como na archivolta, que os limites estreitos da gravura não consentiram reproduzir miudamente; mas esses labores denunciam bem a epocha em que se fizeram. Posto que nas empenas das portas se leam n'uma os algarismos 15 e n'outra 99, foi essa a data da reconstrucção das portas, e não a da fundação do convento, erigido com o poderoso auxilio d'elrei D. Manuel pela ama deste monarcha, Justa Rodrigues Pereira, pelos annos de 1489. Nem faça duvida a primeira era, porque são frequentes casos identicos por occasião de reformas ou addicionamentos; como todos estamos vendo na data que inscreveram nos portões de ferro, recém-collocados á entrada do Passeio publico desta cidade, que todos sabem que não marcam a plantaçõ d'elles; alem do que o crescimento das arvores mostraria isso mesmo ao estranho menos informado.

O convento de Jesus está fóra do recinto da muralha da villa, que em parte lhe era frenteira, e que é cortada, a pouca distancia do edificio, por um aqueducto quasi sempre apoiado sobre dois andares de arcos de alvenaria, a respeito de cujas obras se lê ahi perto a inscripção seguinte: — *O marquez de Marialva, dos conselhos d'Estado e Guerra de S. Alteza, Veedor de sua Fazenda, Cappitão General do Exercito e Provincia de Alem Tejo, Governador das Armas da Estremadura, Cascaes e Setuval &c. mandou fazer esta obra para defenza, e arcos para correr a agua, no anno de 1672.* —

Fóra tambem do recinto amuralhado está o Hospicio ou seminario da invocação de N.ª S.ª dos Anjos, casa de missionarios, estabelecida á custa d'elrei D. Pedro 2.º, no anno de 1682, no chão que antigamente chamavam de Branca Annes. O P.º Antonio das Chagas, que tinha abraçado o habito franciscano da provincia do Algarve ou de Xabregas [e cujos escriptos, principalmente as Cartas, mostram certo gráu de talento, apesar do predominio do mau gosto do seu seculo] resolveu fundar uma congregação expressamente dedicada ao ministerio doutrinal do pulpito; sollicitou e obteve licença da sua provincia, que lhe fez cessão do convento de Varatojo, a um quarto de legua de Torres-Vedras, e ao lado d'um outeiro que o esconde da villa. Sendo approvados os estatutos, que formára, pelo pontifice Innocencio 11.º em 3 de Novembro de 1679, tomou

posse daquella casa aos 6 de março de 1680. Tanto cresceu em pouco tempo o numero dos companheiros do zeloso missionario, que teve de fundar-se novo seminario, e foi o que acima apontámos, e do logar tomou o nome de Brancanes: mais tarde se fez delle padroeiro e protector elrei D. João 5.<sup>o</sup> por alvará de 20 d'agosto de 1713. Vistoso como é e aprazível o sitio, é accommodado quer ao estudo, quer á vida contemplativa: dahi sahiam missionarios a fazer suas pregações pelas terras, sendo certo que nem todos elles eram dotados do talento e unção espiritual do V.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Chagas.

O modesto hospicio de Brancanes encerrava uma obra prima da arte: — e era um quadro original do insigne Raphael, d'Urbino, que representa a Santa Virgem no acto da Anunciação e apparição do anjo Gabriel: as suas dimensões são 2,95 palmos de alto, e 2,2 de largura: hoje se acha restaurado e collocado na Academia de Bellas-Artes desta capital, na aula de pintura historica. Diz-se que fôra dado em presente pelo papa Innocencio 11.<sup>o</sup> á rainha D. Catharina, filha do Sr. D. João 4.<sup>o</sup>, e que foi casada com o rei da Graã-Bretanha, Carlos 2.<sup>o</sup> Teve depois o magnifico quadro dois possuidores successivos, o segundo dos quaes o doou á igreja dos padres de Brancanes, donde em virtude da suppressão das ordens religiosas veio para ser ornamento da galeria de pinturas da Academia das Bellas-Artes (\*).

## PORTUGAL.

### VIII.

#### UMA VISITA A CINTRA.

##### 1.<sup>o</sup>

« Como é linda, como é poetica esta brava serra! »

Dizia eu n'uma saudosissima tarde de estio a um amigo, homem intelligente e grandemente versado nas nossas cousas portuguezas, chegando ao alto da Pena e d'abi estendendo as vistas pelas fragas da encosta.

Era ao pôr do sol — olhos e entendimento corriam largos bebendo na extensão amplissima grandes e profundas idéas. Descubriam-se os desertos do mar, o céu solitario, tão melancholico n'aquella hora amenissima em que o astro rei descia esplendidamente a mergulhar-se nas aguas buliçosas do oceano. Avistava-se o Tejo, como fita azulada e esplendida; e, em distancia, os vultos carregados e oppressivos dos pesados torreões de Mafra. As im-

pressões que tal momento e tal logar suscitavam podem mais sentir-se do que escrever-se.

« Que delicioso panorama este! — disse o meu amigo parando ao meu lado todo embebido no immenso e formosissimo painel que diante dos olhos tinhamos. — Como esses maciços de verdura e variadissimos olmedos accordam as saudades d'alma! »

« E como essas rochas que ameaçam o valle — acudi eu — pedreiras brutas, tão varias de formas, debruçadas no dorso da serra á maneira de curiosas que espreitam, como esses alcantis e penhascos, excrescencias vigorosas do solo, abastecem o espirito de robustos pensamentos! »

« É a natureza meiga e serena — tornou o meu companheiro com ar meditador, o que lhe era natural — a mitigar a natureza magestosa e valente. D'um lado o ameno das sombras, a frescura das fontes e o viçoso das relvas; do outro o elevado destes pincaros d'onde o pensamento — alto como elles — se espraia por cima de tamanhas e tão maravilhosas galhas, similhando vaga alterosa, imitando um rei que senhorea seus reinos. »

« Mal se pôde debuxar tanta lindeza! — retruquei eu contemplativo. »

« É difficillimo senão impossivel — respondeu elle. — Cintra, Cintra, ó minha formosissima Cintra, mimo e amor de Portugal, e tão poetica sempre e tão cingida de recordações, quem te hade dignamente retratar, quem a não ser com a phantasia? Ó minha Cintra bellissima tão gabada de estrangeiros, e unica formosura das formosuras portuguezas que nos elles não podem levar, quem não se inspirará contigo? — »

E ambos nos deixámos ir atraz de fundo meditar empregando-nos em solitarias cogitações que o sitio e a hora justificavam. Fui o primeiro que sahi de tal distracção. Quanto ao meu companheiro, naturalmente pensativo, não se cançava de ponderar e imaginar, a poucos passós de distancia, a vista do interminavel quadro que por toda a parte ante nós se desenrolára.

« Que fazeis ahi tão absorto e meditabundo? — lhe perguntei approximando-me. »

« Pensava — respondeu — nos tempos que são idos. Contemplava com os olhos do meu espirito os homens de Deus que outrora aninhados aqui no cimo da serra viviam visinhos do céu. Que vasto devia de ser o phantasiar desses homens quando o raio do Senhor lhes rebentasse eminente sobre as cabeças, ou quando nevoenta cortina os separasse dos outros habitantes da terra. Assim solitarios comsigo e com as maravilhas tremendas do Eterno, co-

(\*) O Sr. Abbade Castro com a sua laboriosa investigação teceu a historia circunstanciada deste quadro, como pôde ver-se no seu opusculo — *Carta a Sallustio*. — Lisboa. 1839.

mo se elles deviam de dilatar na meditação das cousas sagradas! Que fortes seriam os seus espiritos entregues a si e á consciencia da sua força, tão proximos dos mais magestosos phenomenos da criação! Que poesia e que grandeza na tempestade visinha dos monges do ermo! Em quanto os do valle se encolhessem medrosos, unicamente ameaçados pelo seu sopro, sentir-lhes-iam elles as proprias azas a açoutarem-lhes os rostos austeros. Postos no meio do bravo estampido, circulados pelos fogos do céu, como se lhes ergueriam as almas e se lhes fariam altivas. Com rasão poderiam dizer: «Só Deus temos acima de nós, porque nós estamos acima da tempestade.

«E este convento — acudi eu — aqui lançado na summidade era a mais conveniente habitação de homens que se davam ao serviço do Senhor. Uma posição verdadeiramente mistica....

«E verdadeiramente emblematica — atalhou gravemente o meu companheiro. — Aos homens da religião cabia o serem medianeiros entre o céu e a terra, como a essa religião cabe o sê-lo entre Deus e os homens: a elles portanto a habitação visinha aos prodigios do céu, mas accessivel aos prodigios do mundo.

«Os monges da serra já lá vão — interrompi eu. — Passaram como todas as cousas deste mundo. E quem sabe hoje quantos misterios de fé, quantos pensamentos se cumpriram e acabaram aqui nesta rocha calcada por tantos pés curiosos de desleixados? quem o pensa ou quem se distrahe em imagina-lo?

«Ha cousas — tornou o meu pausado companheiro — que nem por irem longe teem de ficar esquecidas. Quem vier aqui, e sobre tudo quem vier acompanhado das tantas recordações estampadas em cada pedra do mosteiro, dos paços e da villa, quem vier rodeado das antigas tradições que pairam sobre estes sitios, desenganai-vos, será mister que tenha espirito bem acanhado, ou bem preocupado, para não ir com a sua memoria conversar com os seculos e escavar annos andados, que ao passar por cima desses edificios e desses penhascos ahi deixaram cada um o seu legado. Desenganai-vos, não ha homem, por pouco pensador que seja, que não se recolha em si a meditar — e a meditar bem íntima e longamente, no meio de tantas lembranças e em presença de tamanhas e tão acabadas formosuras.

Indicava-me, nomeando-as cada uma por sua vez, as bellezas que por todos os lados nos circulavam, e em que os nossos olhos, todos banhados de puro gozo, batiam alternativamente sem saber qual escolher. — Se o espectáculo de tantas louçanias não arrebatasse,

que cousa no mundo poderia verdadeiramente apossar-se do espirito?

As sombras trasbordavam já dos valles circumvisinhos, e ainda as paredes do mosteiro reflectiam um raio moribundo do sol que se escondia de todo. O ar estava puro e o céu azul e sereno. Com o azul do céu confundia-se lá ao longe o azul do oceano. Atravez da suavidade da atmosphaera chegava-nos aos ouvidos o surdo anciar das vagas que vinham quebrar-se na solida base da rocha de Cintra — o antigo promontorio da lua (\*), tão decantado, — o ultimo logar do occidente, segundo Plinio — a fresca Hierna no dizer de Strabo. Abaixo de nós a villa assentada entre o valle e a serra alvejava no meio das sombras já alli pesadas. Ao longe o fertilissimo valle de Collares, tão viçoso e tão basto de arvores frondosas, enviava-nos a fragancia dos seus primores e regalava-nos as vistas com as molles ondulações dos arvoredos brandamente meneados pela aragem vespertina. Ao perto, enfim, erguiam-se da base até ao cimo, deleitando-nos pela variedade, arrojo e estranhesa, os asperos penedos de que a serra está arripiada, e dos quaes direi, servindo-me da expressão do nosso simples, mas poetico e elegante, Duarte Nunes de Leão «que são grandissimos, & despegados huns dos outros, & empinados muitos d'elles de maneira que fazem medo a quem os vee; por que parece que stão ameaçando ruina, & que forão chovidos, ou feitos aa mão, & por industria humana, para ornarem aquelle lugar, segundo a crespidação que mostrão.» — Coroando uma das eminencias as ruinas do castello arabe completava este todo tão formoso como variado.

«Já alli se elevaram muros valentes!... — disse o meu companheiro. — Como ahi na villa se erguem os altivos coruchéus dos paços reaes, outrora rudes e escuros, hoje alvos e enfeitados de elegancias modernas, já alli se ergueram seguras muralhas d'alcaçar poderoso, já alli dentro se aninharam soberbas e orgulhos, guerreiros e donzellas, amores e façanhas. Já talvez inundaram aquellas paredes, nuas e cahidas, enchentes de luz e harmonia. Brilharam alli couraças e olhos em lides de guerra e d'amor, umas vezes com reflexos vivos e ardentes como os do meio dia nos muros do mosteiro, outras meigos e voluptuosos como os dos ultimos raios do sol que ha pouco tão saudosamente se despedia d'essas ruinas. Houve ahi musicas de festa e melodias do coração, e de tudo isso que ficou? — Alguns

(\*) Montanha de Cintra lhe chamaram muitos, e no sentir do geographo Busching e de outros é esta a origem do nome de Cintra dado a toda a serra.

restos esquecidos, tradições imperfeitas, e algumas memórias desterradas no centro d'uma bibliotheca — alguma recordação illegivel na pedra — algum monumentinho de poesia erigido no silencio do pensamento — alguma planta solitaria que se abraça com os vestigios do que foi — alguma lagrima d'alma solitaria como a planta, e como ella companheira fiel do infortunio abandonado.»

As reflexões do meu amigo, que tamanha melancholia vertiam, vieram profundamente entranhar-se-me na imaginação. E de feito quem pôde do alto da Pena, no cimo da serra de Cintra, da picturesque Cintra, estender os olhos por tantas cousas passadas e presentes, que foram e que são, que fallam á memoria e aos sentidos, sem se achar tomado de profunda sensibilidade? quem não sentirá filtrar-se-lhe na mente e coar-lhe para o coração apurado sentimento de poetica philosophia. — Triste o que não vê com os olhos do espirito quando olha com os do corpo.

A lua começava a surgir do seio do oceano, mostrando a face palida, como alvo rosto de virgem resignada, e dando á amplidão do céu, das ondas e das veigas novo aspecto, se bem que menos risonho e faustoso, mais placido ainda e mais ameno.

« Assentemo-nos nesta velha pedreira — disse o meu companheiro, effectuando o dicto; exemplo que eu imitei — assentemo-nos e gosemos deste novo espectaculo que Deus nos envia: é uma mudança de scena — aproveitemo-la, e não nos arrependemos.

« Quanto pôde interessar alma e tradição, tudo daqui avistamos — acudi. — E vós que tanto sabeis, vós mais do que outro, deveis de avaliar esse vasto theatro em que tantas cousas se passaram. . . .

Aqui o meu sensível amigo respirou longamente como se o peso das idéas, que naquella hora se amontoavam na sua mente, o opprimisse, e respondeu:

« Mataremos o tempo a recorda-las.

(Continuar-se-ha.)

#### DA LIBERDADE DO ENSINO.

HA certas doutrinas, que abrangendo algumas especialidades, applicaveis privativamente a uma nação, envolvem comtudo muitos pontos de interesse geral, que se devem conhecer e meditar. — Por occasião do projecto de lei sobre a instrucção secundaria, que pelo ministerio de instrucção publica foi appresentado ao parlamento francez no anno passado, publicou Mr. Richelot algumas observações sensatas,

que submettemos á reflexão dos nossos leitores. —

— « O novo projecto suscita duas questões de summa gravidade; a da liberdade do ensino secundario e a da sua organização. — Qualquer que seja o feitiço da palavra liberdade e a que eu tambem não resisto, não hesito em pôr em primeiro logar a segunda questão. A liberdade é uma necessidade da nossa epocha, e eu tenho inteira fé na sua fecundidade: mas hoje, se me não engano, o primeiro pensamento dos publicistas, o primeiro dever dos governantes, no ensino, como em tudo o mais, é organizar e sempre conformemente ás precisões do seculo actual. Se o projecto de M. de Villemain nos parece satisfactorio nas suas bases geraes, no primeiro ponto, isto é, a respeito da liberdade e condições que lhe ajunta, temos que é incompleto no segundo, que é o ponto capital. A questão ardua da organização da instrucção secundaria reclama um trabalho extenso, profundamente calculado; mas o meu objecto é dizer agora alguma cousa sobre a liberdade do ensino.

O publico ainda não dá á instrucção nacional e ás questões ligadas com ella a attenção que merecem; e o commum das pessoas deixam isso aos pedantes. Criminosa indiferença! deploravel cegueira! — nestas questões desprezadas comprehende-se o futuro das familias e o destino do reino. — O regimen da livre concurrencia em materia d' instrucção secundaria é novo para a França: em tempo do imperio foi constituida monopolio do estado, que fez respeitar este com rigor despotico; a restauração e o governo de julho o conservaram, modificando-o de algum modo na prática. Agora, entregando as gerações nascentes á industria particular, para desempenhar a promessa do codigo de 1830, e satisfazer ao publico desejo, o governo francez vai encetar uma experiencia que não é desacompanhada de perigos. — Não o digo porque conceba terrores panicos, e que descubra em consequencia dessa liberdade espantosos fantasmas, e os collegios do governo desertos, a educação convertida em especulação do charlatanismo, da ignorancia e da immoralidade, abusando ou as paixões politicas, ou o fanatismo religioso, do ensino, desse objecto sagrado, como de arma offensiva, ou de instrumento de predominio. As instituições do Estado ainda estão rodeadas de uma auctoridade immensa, e a confiança de que a instrucção publica se acha investida não lhe será roubada facilmente. Contra a especulação ignorante e mentirosa, as condições e as provas severas, determinadas pela lei e adoptadas pelo bom juizo das familias, poderão

offerecer sufficientes seguranças; e a consolidação do estabelecimento actual tranquillisa-me pelo que respeita aos excessos politicos e ás invasões pretextadas com a capa religiosa. Todavia [e não o devemos dissimular] em muitas localidades, as escholas do Estado encontrarão concorrência mais viva que a necessaria para manter a vida dos institutos; a incapacidade manhosa terá a astucia de muitas vezes illudir a vigia da auctoridade e seduzir a boa fé das familias: com o regimen politico que temos não deixará o espirito de partido de infectar as fontes onde vai beber a infancia a sua vida intellectual ou moral; e as condições especiaes das escholas ecclesiasticas podem n'alguns pontos dar-lhe um exaggerado desenvolvimento. Estes perigos não são chimericos; pelo contrario são muito serios; mas não desconfiemos demasiado do systema de liberdade, e se lhe appetecemos as vantagens saibamos supportar os inconvenientes. — A Universidade é entre nós o alvo de mui vehementes ataques: se indagar-mos o fundamento destas queixas, pelo menos das que provem de pessoas que não seguem partidos e tem natural seriedade, ver-se-ha que o atacado é o methodo d'ensino seguido actualmente pela Universidade, mas nunca o principio da competencia do Estado em materias d'instrucção. — O Estado é com effeito um bom creador d'alumnos. Não repetirei o dito de Napoleão sobre os pedagogos particulares: — o preceptor vive do ensino como o sacerdote do altar; e a missão de qualquer delles não é vilipendiada pelos proventos que della recolhem. Comtudo a tendencia da especulação quer invadir o ensino particular, e neste ponto o character do traficante pertende prevalecer sobre o do *mestre*. Mas se olharmos para o Estado, veremos que da sua parte o ensino não é uma industria, mas um interesse social da ordem mais sublime, e um dever sacrosanto; é [para nos servir-mos de uma expressão de Mr. Villemain] uma especulação de perda pecuniaria, mas de proveito moral. E o desinteresse do Estado dá mais augmento á sua auctoridade nesta materia. A instrucção publica com a sua vasta organização, que abraça todo o territorio, é o mais seguro penhor da homogeneidade moral do paiz; cria a mocidade nos principios em que a nossa sociedade se fundamenta. É severo na escolha dos professores, da-lhes uma cathegoria e posição domestica respeitavel, e faz que sempre estejam áleria, mediante uma vigilancia activa. Por sua duração continua conserva e perpetua o deposito sagrado das tradições; missão grave e util, se considerarmos quanto é tenue o contingente das novidades salutiferas e duradouras, fornecido

por cada geração, a par dos fructos immensos do trabalho de seculos.

Mas contemplemos o assumpto debaixo de outro aspecto: a instrucção publica admite lentamente as invasões, e facilmente vai descahir na rotina: o seu actual estado o demonstra sem resposta. Os homens collocados hoje á frente da Universidade de França são os de maior nome em sciencia e litteratura, e não obstante isso a instrucção publica não está em harmonia com as precisões sociaes, e parece não ser animada pelo espirito de vida e de progresso. E porque?... Porque despreza uma vasta porção do ensino nacional, os preparatorios para as profissões industriaes e commerciantes; porque mediante regulamentos minuciosos e rigidos affasta de si homens de merito assignalado. — O ensino privado deve por isso servir d'asylo ao espirito innovador; por aquelle se hade introduzir este, e penetrar nos estabelecimentos do Estado; e eis-aqui em que consiste a necessidade d'elle e a sua virtude.

O ensino é um direito para o Estado não menos que um dever; pertence ao Estado velar a educação da infancia e preparar o provir da sociedade. Mas o limite do seu direito está na precisão que tem de o exercitar. N'alguns governos da antiguidade a educação era exclusivamente publica; mas nessas pequenas e miseraveis republicas, a necessidade da conservação exigia até um ponto, que nos custa agora a comprehender, o sacrificio perpetuo do individuo e da familia ao Estado. Entre nós essas dedicações extremas não são precisas, salvo em raros casos excepcionaes; as sociedades modernas podem subsistir respeitando religiosamente a liberdade individual e o direito de familia. O Estado não carece de fazer uma lei para se mandarem os filhos á eschola; deve convidar os alumnos pela superioridade dos estudos publicos: deve deixar ás familias o jus de escolher preceptores; e a sua auctoridade recta consiste em estipular condições seguras que regulem essa liberdade, sem embaraçar o exercicio della.

#### AGRICULTURA.

##### *Estrumes.*

OS ESTRUMES são na maior parte das terras cultivaveis o que é o sangue no corpo humano. Um antigo e reconhecido axioma diz — sem gados não ha estrumes, e sem estrumes não ha agricultura: — entretanto nem todos os lavradores estão providos de gados sufficientes, e outros que podem ter gados não teem mattos, nem outras substancias proprias para estruma-

das. Entretanto a necessidade e a utilidade tem obrigado os homens mais observadores a pensar, e a tentar toda a sorte d'ensaios praticos para augmentarem com o menor dispendio possível a quantidade dos estrumes.

Um dos membros da Sociedade Agricola em Paris appresentou no anno passado um methodo e processo simples e facil pelo qual duplicou o volume e a capacidade de sua serra d'estrumes. Todo o mundo póde fazer outro tanto com pequeno ou quasi nullo dispendio.

Eis o que fez o tal discreto agricultor. Escolheu um local secco e enxuto não longe de seus curraes, n'um terreno mais baixo, ou rebaixado de proposito para o effeito, no qual devia fazer sua serra na tirada dos estrumes: começou por deitar no dito local uma camada de terra solta, d'altura d'um ou dois palmos; sobre ella mandou lançar a 1.<sup>a</sup> camada d'estrume; seguidamente outra camada de terra, e outra d'estrume; e assim alternadamente até ao fim terminando por uma codea ou capacete de terra um pouco batida para estorvar ou diminuir a evaporação dos gases. Com isto dobrou a quantidade dos estrumes, porque a terra impregnada dos saes e gases se havia transformado em substancia gorda, e propria para estrumar as terras.

Dissemos que o local deveria ser mais baixo ou inclinado, e a razão é evidente: os liquidos que naturalmente escorrem das estrumeiras se perderiam se podessem espriar-se, o que principalmente aconteceria na occasião das chuvas de trovoada, que ordinariamente cahem fortes na primavera. Os lavradores do cantão de Zurich, optimos cultivadores, são tão economicos e avaros destas substancias, que não só estabelecem uma especie de caldeira de pedra e cal, dentro da qual depositam os estrumes depois de curtidos, mas até cobrem as estrumeiras resguardando-as do contacto do ar, do sol e da chuva, porque tudo isso os prejudica: para isso levantam uma especie de coberto ligeiro que se compõe de 4, 6, ou 8 estacas postas a prumo á roda da estrumeira, e sobre elles apoiam um engradamento de ramos folhudos, ervas, palha, com que defendem suas serras da acção atmospherica que altera, deslava, ou desseca os estrumes. Tudo isto é muito facil e praticavel por todos os lavradores da mais pequena fortuna.

#### ECONOMIA RURAL, E DOMESTICA.

##### *Do fabrico da manteiga.*

O LEITE contem uma materia gorda ou oleosa, mais ou menos consistente, e modificada

de infinitos modos, conforme a natureza particular dos animaes que a fornecem. Esta materia gordurosa ou manteiga está contida em suspensão no leite, por meio do queijo ou *caseum*, e do soro, com os quaes está naturalmente misturada. A reunião destes tres corpos constitue o leite, verdadeira emulsão, que deve a sua opacidade e cor branca á materia oleosa, que nelle está mui uniformemente dividida. Quando qualquer circumstancia separa esta união, cada componente se aparta, e manifesta as propriedades que lhe são proprias. É assim que o leite, deixado em repouso, e exposto a uma temperatura de 15 a 20 gráus, se separa espontaneamente em varios productos. Uma camada mais gorda, mais consistente e leve, occupa a parte superior; todo o resto fórma uma especie de magma ou coalho branco mui volumoso, que retém entre os seus largos flocos toda a porção sorosa do leite. É na camada superior ou nata que se acha, não a totalidade da manteiga contida primitivamente no leite, mas sim a maior parte. Vê-se que por este meio a separação dos principios componentes do leite não é completa. De uma parte, o soro ou *serum*, e a parte *caseosa* retém uma porção da manteiga; e da outra a nata onde predomina a manteiga, contem tambem certa quantidade dos outros principios, que é preciso eliminar ou separar quando se quer obter a materia gorda estreme. É justamente isto que constitue a arte de fazer manteiga.

Na maior parte das fazendas onde se faz manteiga ha um local separado destinado para este trabalho, que é o que se chama queijeira. Deve haver nella a maior limpeza e acieio, e cumpre tirar quanto for possível todas as causas que podem contribuir para alterar o leite e embaraçar a completa separação da nata, pelo que deve-se evitar cuidadosamente que os animaes domesticos se detenham neste lugar, e deixem exalações prejudiciaes. A temperatura da queijeira deve-se conservar o mais uniforme possível, fresca, abrigada do sol durante o verão, e do grande frio no inverno. Muito frio embaraça a separação da nata: o excesso contrario apressa a prematura coagulação do leite, e uma porção da nata fica misturada na parte *caseosa*. Este ultimo inconveniente tem principalmente lugar quando ha trovoadas, e nenhuma precaução o póde impedir. Tem-se em ultimo resultado conhecido, que a temperatura mais favoravel será aquella em que o leite adquirir o maior ponto de fluidez a que possa chegar sem experimentar immediata alteração; então esta maior mobilidade, que existe entre as moleculas, lhes permite collocarem-se segundo a ordem respectiva da sua den-

sidade, e a separação dos dois líquidos principaes será tanto mais exacta quanto durar mais este estado.

Consegue-se este fim deitando o leite, á medida que se extrahê, em terrinas, bacias, ou vasos de louça de grés (\*), que estão dispostos em uma banqueta que deve haver á roda da queijeira. Deixa-se em quietação; a nata se ajunta pouco a pouco á superficie, e exige mais ou menos tempo segundo a estação, para a sua completa separação. De verão bastam quatro até cinco dias; e de inverno muitas vezes oito ou dez dias. Todos os dias se separa, com uma concha, ou outro vaso de fôrma analoga, que se chama *desnatadeira*, a porção de nata que se tem separado, e se ajunta em um mesmo vaso; e quando se tem ajuntado uma sufficiente quantidade se procede á *batedura* nos vasos ou machinas proprias, e a que os francezes chamam *baratte*.

A nata, como já se disse, ainda fica contendo os mesmos principios que o leite ordinariamente tem, mas em proporções differentes: a materia gorda nella singularmente predomina, e as suas moleculas, já mui unidas, não carecem senão de serem postas em um contacto mais immediato para definitivamente se juntarem entre si, e se separarem das outras substancias. É este resultado o que se obtem pela *batedura*; as particulas da mesma natureza se encontram, se ajuntam umas ás outras, e finalmente formam uma massa. Mas esta operação, tão simples como parece, não sahe bem senão debaixo de certas condições. A nata mui fresca, por exemplo, não larga a manteiga senão com difficuldade, o que facilmente se percebe; porque neste caso as partes constitutivas ainda estão mui intimamente unidas, não ha, por assim dizer, tendencia para a separação; formam um todo homogeneo; em quanto, em a nata de mais tempo, o trabalho está antecipadamente disposto, só resta dar a ultima mão. A analyse espontanea já está feita, o queijo está coagulado, as moleculas *butirosas* ou manteigentas estão separadas, mas infinitamente disseminadas ou espalhadas, e é então que a simples agitação promptamente determinará a reunião. Quando se quer tirar a manteiga da nata fresca, é preciso que pela mais prolongada *batedura* se consiga em a nata a mesma alteração, que viria a ter deixando-a exposta ao ar. Deste modo, a nata de 24 horas exi-

(\*) Usa-se da louça chamada *grés*, como a das botijas de genebra, e outras. Nós não temos desta louça, não sendo conveniente a vidrada por causa do chumbo que entra no vidro, e sendo prejudicial sem ser vidrada, principalmente a nossa louça que é muito porosa, e por isso facil em fazer azedar o leite; aconselhamos o uso de vasos de folha de flandres ou madeira pelos julgarmos menos máus. Os vasos de cobre e latão são mui perigosos.

girá, para largar a sua manteiga, quatro vezes mais tempo e movimento do que aquella que tiver oito dias: é este um facto bem verificado pela experiencia.

(Continuar-se-ha.)

*Conservação das batatas.* — As repetidas experiencias de Webster affiançam um methodo novo para conservar estas raizes alimentares, fundado na prova de que sendo lavadas com agua ammoniacal perdem o seu principio vegetativo, conservando todavia por um anno todas as suas qualidades nutrientes. Para conseguir isto lavem-se as batatas por quatro, cinco dias a fio com um liquido, na proporção de uma onça de agua ammoniacal, por cada meia canada d'agua. Com salmoura ou agua do mar obtem-se o mesmo resultado. Este processo não é dispendioso, e póde ser mui util á gente do campo, e ainda mais aos navegantes.

*Pastilhas de ortelaã-pimenta.* — O seguinte meio é empregado modernamente para as fazer em Alemanha. Fazem-se as pastilhas de assucar sem aroma algum. Depois mergulham-se em uma dissolução de ortelaã-pimenta ou ether sulfurico e poem-se ao ar. O ether volatiza-se e fica o gosto da ortelaã-pimenta sem experimentar os inconvenientes de ir ao fogo. — O mesmo se poderá tentar com outros aromas nas pastilhas.

A experiencia é o segredo do tempo, e elle não o revela senão á sociedade, a qual sobrevive ao homem e aos systemas que este fabrica; e cedo ou tarde chega a recolher os fructos da arvore que viu plantar. —

A sociedade considerada na ordem moral é a reunião dos entes racionais para sua reciproca perfeição: assim como considerada na ordem material é a aproximação dos entes phisicos para a conservação e reproducção mutuas. — *Bonald*.

Todos se queixam da vida, e a estão pedindo... O que diz que é largo o dia ou a noite para que quer viver, pois o tempo não tem outras partes senão o dia e a noite? O que busca gente para fallar, não porque lhe importe a prática, senão porque gaste o tempo, para que pede tempo?... Vejamos e attentemos bem que não é breve a nossa vida; nós outros a fazemos breve, porque a gastámos mal. — *D. Basilio de Faria*.